Cadernos CESPUC
1º Semestre de 2019 - n. 34

Análise mitológica de "Morte do Leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade

Alzira de Souza Umbelino Cardillo*

Resumo

Este estudo pretende realizar uma análise mitológica do poema "Morte do Leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade, publicado primeiramente no livro "A Rosa do Povo", de 1945. Faremos uma leitura antropológica verificada na narrativa desenvolvida pelo poeta, que tem como protagonista o leiteiro, a quem consideramos herói, pois ele morre assassinado, confundido com ladrão, enquanto entrega leite de porta em porta antes de amanhecer o dia. Essa analogia remete às injustiças sofridas pelas pessoas simples e ao ato heroico de grandes mitos que se deparam com o "inimigo" e enfrentam o mal por praticarem o bem. Ressalta-se que o poeta, nesta fase de sua produção literária, escreve textos que refletem sua indignação com os desequilíbrios sociais.

Palavras-chave: Poesia. Drummond. Mitologia. Antropologia. Herói.

Mitological analysis of "Morte do Leiteiro", by Carlos Drummond de Andrade

Abstract

This study intends to perform a mythological analysis of the poem "Morte do Leiteiro", by Carlos Drummond de Andrade, first published in the book "A Rosa do Povo", 1945. We will make an anthropological reading verified in the narrative developed by the poet, as protagonist the milkman, whom we consider hero, because he dies murdered, confused with thief, while delivering milk from door to door before dawn the day. This analogy refers to the injustices suffered by the simple people and the heroic act of great myths that are faced with the "enemy" and face evil for doing good. It is emphasized that the poet, at this stage of his literary production, writes texts that reflect his indignation at social imbalances.

Keywords: Poetry. Drummond. Mythology. Anthropology. Hero

Recebido em: 08/03/2019
Aceito em: 07/04/2019

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Bolsista FAPEMIG. ORCiD: https://orcid.org/0000-0003-1685-5380

"Morte do Leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade, é um poema narrativo em terceira pessoa, publicado primeiramente no livro **A Rosa do Povo**, de 1945. O texto relata fatos em uma ordem cronológica e causal, desenrolando ações que envolvem personagens, espaços, tempos e conflitos. O ano da publicação do livro coincide com o término da Segunda Guerra Mundial, com a derrocada do nazifascismo e com o progresso técnico, mecânico e científico universal. Esse pano de fundo social é percebido na literatura de Drummond que, no período, escreve poemas de contestação, indignação, reflexão, denúncia e revolta perante as injustiças sociais e a ignorância humana.

O professor e crítico literário, Antonio Candido, no capítulo intitulado "Inquietudes na Poesia de Drummond", do livro **Vários Escritos**, reflete da seguinte maneira a habilidade expressiva percebida nos versos do poeta mineiro:

> "(...) a faculdade de extrair do acontecimento ainda quente uma vibração profunda que o liberta do transitório, inscrevendo-o no campo da expressão. É o que faz Drummond, não apenas com os sucessos espetaculares da guerra e da luta social, mas com a morte do entregador de leite baleado pelo dono da casa, que o tomou por um ladrão" (CANDIDO, 1977, p. 109).

Mais que tudo, a poesia social do poeta apresenta um "gosto pelo cotidiano". Nas palavras de Candido:

> A poesia social de Drummond deve ainda a sua eficácia a uma espécie de alargamento do gosto pelo quotidiano (...) e inclusive explica a sua qualidade de excelente cronista em prosa. Ora, a experiência política permitiu transfigurar o quotidiano através do aprofundamento da consciência do outro. Superando o que há de pitoresco e por vezes anedótico na fixação da vida de todo dia, ela aguçou a capacidade de apreender o destino individual na malha das circunstâncias e, deste modo, deu lugar a uma forma peculiar de poesia social, não mais no sentido político, mas como discernimento da condição humana em certos dramas corriqueiros da sociedade moderna (CANDIDO, 1977, p. 108-109).

"Morte do Leiteiro" é esse fato quotidiano, quase corriqueiro – não fosse o extraordinário da morte assassina – vivido por pessoas comuns. O protagonista da narrativa, o leiteiro, é o homem simples e bom que cruza o caminho do atirador, o homem mau; dois seres representantes da sempre batalha entre o bem e o mal, em todas as esferas das sociedades, que perpassa a história da humanidade.

Toda a sorte de explicações é levantada no intuito de esclarecer as razões dessa batalha. Na antiguidade se usava da mitologia para elucidar o que a filosofia ainda não era capaz de fazer. Certo é que o mal se faz presente em todas as épocas e as histórias são necessárias para a compreensão, para a educação e o aprimoramento do homem.

A partir dessa perspectiva, a do prazer e da necessidade do ser humano em representar a realidade nas histórias, este estudo faz uma análise mitológica, numa leitura antropológica, do poema "Morte do Leiteiro". A morte equivocada do "moço leiteiro", rapaz de pouca idade do

subúrbio, sem estudos, apressado na sua responsabilidade de entregar o leite aos moradores da cidade, faz dele um herói mítico, sacrificado pelo bem do grupo, conforme o que pretendemos demonstrar.

A trama trágica do leiteiro não é hermética, mas, sim, de fácil assimilação. Uma legenda - ou mito - simples. Em **Poética**, Aristóteles esclarece as diferenças entre "mito simples" e "mito complexo":

> Dos mitos, uns são simples, outros complexos, porque tal distinção existe, por natureza, entre as ações que eles imitam. Chamo ação "simples" aquela que, sendo una e coerente, do modo acima determinado, efetua a mutação de fortuna, **sem peripécia ou reconhecimento**; ação "complexa" denomino aquela em que a mudança se faz pelo reconhecimento ou pela peripécia, ou por ambos conjuntamente (ARISTÓTELES, 2016, p.117, grifo nosso)

No enredo simples de Drummond, de ação una e coerente, não consta peripécia nem reconhecimento, mas suscita piedade, elemento base para a composição da tragédia e do mito, segundo Aristóteles (2016) em seu **Poética**, visto o infortúnio que sofre o leiteiro morto pela banalidade do engano. O filósofo afirma também, neste ensaio, que "a composição das tragédias mais belas não é simples, mas complexa, (...)" (ARISTÓTELES, 2016, p 120).

Queremos, porém, salientar e evidenciar, na análise, o belo da complexidade de "Morte do Leiteiro" que não está na trama explícita, mas nas entrelinhas, no não-dito, em toda a atmosfera do momento da composição dos versos, no contexto, nas metáforas e nas analogias. Para Aristóteles,

> [o] mito também não deve representar um malvado que se precipite da felicidade para a infelicidade. Se é certo que semelhante situação satisfaz os sentimentos de humanidade, também é certo que não provoca terror nem piedade; porque a piedade tem lugar a respeito do que é infeliz sem o merecer, (...) Resta, portanto, a situação intermediária. É a do homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça; se cai no infortúnio, tal acontece, não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro; (...) É, pois, necessário que um mito bem estruturado seja antes simples do que duplo, como alguns pretendem; que nele se não passe da infelicidade para a felicidade, mas, pelo contrário, da dita para a desdita; e não por malvadez, mas por algum erro de uma personagem, a qual, como dissemos, antes propenda para melhor do que para pior (ARISTÓTELES, 2016, p.120).

O poema é formado por nove estrofes e oitenta e oito versos de métrica irregular – com exceção da primeira estrofe, sendo dois sextetos, duas novenas, uma décima e três estrofes longas. Dessas últimas, uma é composta por onze versos, duas por doze versos e mais uma por treze versos. Apesar da irregularidade da métrica, a maioria das estrofes apresenta versos de sete e oito sílabas poéticas, heptassílabos e octossílabos. Em alguns momentos, as rimas são misturadas, mas a predominância é de versos brancos.

Quanto à forma, falamos da composição dos atos, considerada a primeira e mais importante da tragédia, bem definida por Drummond em "Morte do Leiteiro". Aristóteles bem esclarece que a tragédia é imitação de uma ação completa, constituindo um todo que tem certa grandeza.

O "todo" tem a ver com a organização dos fatos, o bom ordenamento do princípio, meio e fim da narrativa. A grandeza tem a ver com o "belo" da história relatada, adquirido, principalmente, no equilíbrio.

A composição dos atos, a completude das ações, a organização dos fatos e o bom ordenamento da narrativa dão ao poema drummondiano uma excelência estrutural. Soma-se a ela a beleza da trama, a grandeza do herói, a suavidade ou equilíbrio dos relatos de final trágico. O filósofo nos lembra que:

> "Todo" é aquilo que tem princípio, meio e fim. (...) É necessário, portanto, que os mitos bem compostos não comecem nem terminem ao acaso. Mas que se conformem aos mencionados princípios. (...) Além disto, **o belo** – ser vivente ou o que quer que se componha de partes – **não só deve ter essas partes ordenadas, mas também uma grandeza que não seja qualquer. Porque o belo consiste na grandeza e na ordem,** (ARISTÓTELES, 2016, p.113, grifo nosso).

A narrativa de Drummond em "Morte do Leiteiro" nos apresenta uma história sequencial, mesmo na ausência das imagens, uma tragédia organizada, com início, meio e fim, conforme referiu Aristóteles (2016). O esquema lógico é desenvolvido no decorrer das nove estrofes, partindo do levantamento de um problema e do mito que é explanado por meio dele. Levi Strauss, por sua vez, definiu mito como sendo "ao mesmo tempo uma história contada e um esquema lógico que o homem cria para resolver problemas que se apresentam sobre planos diferentes, integrando-os numa construção sistemática" (STRAUSS, 1970, p. 140).

Os dois primeiros versos da primeira estrofe apresentam o problema: "há pouco leite no país, / é preciso entregá-lo cedo". Essas duas afirmativas impulsionam todo o relato e são as justificativas para a trama que surgirá delas. Existe um problema: o leite no país é pouco. Existe uma necessidade: entregá-lo cedo. Os dois próximos versos acrescentam que "há muita sede no país, / é preciso entregá-lo cedo". Além de ser o leite pouco, a sede é muita; portanto, confirma-se, "é preciso entregá-lo cedo".

Considerando o contexto histórico, o livro em que o poema foi inserido à época, **A Rosa do Povo**, e a colocação dos versos, percebemos que a antítese e o paralelismo de "pouco leite" (v. 01) e "muita sede" (v. 03) devem ter uma interpretação mais abrangente. Leite é o alimento que mata a fome do país, a fome de um povo que também sente sede, seja sede de bebida, de justiça, de igualdade, de liberdade. Drummond, o escritor engajado, socialmente preocupado e expressivo, revela na voz do sujeito poético, metaforicamente, a decadência na qual o país se encontra. Não é difícil encontrar em Drummond de Andrade, principalmente no livro em questão, um poema que "procede a uma fecundação e a uma extensão do fato, para chegar a uma espécie de discreta epopeia da vida contemporânea. Isto talvez se ligue à capacidade de injetar fantasia nas coisas banais..." (CANDIDO, 1977, p. 109).

Os versos finais da primeira estrofe, os dois últimos, apresentam o mito da "epopeia" contemporânea drummondiana: "há no país uma legenda, / que ladrão se mata com tiro". O próprio narrador é quem nos anuncia que se trata de uma "legenda", uma narrativa maravilhosa, uma lenda. O relato que virá, contado por esse sujeito narrador, é real, mas o desfecho ocorre

devido à crença popular.

> Há pouco leite no país,
> é preciso entregá-lo cedo.
> Há muita sede no país,
> é preciso entregá-lo cedo.
> Há no país uma legenda,
> que ladrão se mata com tiro.
> (ANDRADE, 1998, p. 134).

O gênero textual "lenda" se difere do "mito", principalmente, pela não presença de seres sobrenaturais, deuses e semi-deuses na trama. Nesta análise, porém, tomaremos como mito a lenda de acordo com o conceito dos dicionaristas do Michaelis – virtual – e do Aurélio – esse impresso – para o termo. Eles apresentam significados para a palavra "mito" nos aspectos figurativo, filosófico, sociológico e, no Aurélio, também antropológico. Interessa-nos, portanto, o que definem como "mito" no âmbito sociológico e antropológico.

> 6 SOCIOL Uma crença, geralmente desprovida de valor moral ou social, desenvolvida por membros de um grupo, que funciona como suporte para suas ideias ou posições; mitologia: O mito da supremacia da raça branca (MICHAELLIS, 2019).

> 9. ANTROP. Narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo, tendo gerado a forma de um relato sobre a origem de determinado fenômeno, instituição, etc., e pelo qual se formula uma explicação da ordem natural e social e de aspectos da condição humana (FERREIRA, 2004, p. 1341).

A convicção de que "ladrão se mata com tiro" é difusa no país, segundo o eu-lírico narrador. Tornou-se crença, "verdade" popular, desprovida de valor moral ou social, e funciona como suporte para as ideias e ações da sociedade: a ideia de que se mata ladrão e a ação de matá-lo com tiro. A partir do anúncio do mito, a narrativa tecerá os momentos anteriores ao clímax, à morte do entregador de leite tido, erroneamente, como ladrão e, também por isso, herói.

"O mito é o princípio e como que a alma da tragédia". (ARISTÓTELES, 2016, p. 112). Contudo, não é apenas o fato de ter morrido assassinado por engano, consequência do mito, que faz do leiteiro herói. Seu caráter heroico é evidenciado pelo poeta a partir da segunda estrofe, quando inicia a descrição sobre o homem e preanuncia a maldade dos seus opostos, pois ele "sai correndo e distribuindo / leite bom pra gente ruim." (vs. 9-10). O leiteiro é pobre: "e veio do último subúrbio" (v. 15); é responsável, cumpridor do seu dever: "e seus sapatos de borracha / vão dizendo aos homens no sono/ que alguém acordou cedinho" (vs. 12-13-14). Todavia, é esse sujeito do subúrbio quem dá tudo de si em prol de todos os da cidade. O entregador de leite é altruísta, não mede esforços para realizar seu trabalho nem se intimida em fazer o bem, ainda que para "gente ruim", pois que exerce seu ofício da melhor maneira. O

leite não é qualquer leite, a vaca não é qualquer vaca; aos da cidade que travam a luta "brava" do cotidiano, o melhor é o que ele oferece.

(...)
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade
(ANDRADE, 1998, p. 135).

A terceira estrofe, de 12 versos, conta a execução do trabalho do leiteiro, seu modo de realizar a tarefa: apressado, mecânico, decidido. Conta também a falta de instrução do rapaz, "ignaro", que desconhece "o que seja impulso". Drummond antecipa nessa estrofe o gesto impulsivo e irracional do dono da casa que levará à morte o leiteiro. Destaca que é o corpo ignorante e pobre quem vai deixando o alimento "à beira das casas". O mesmo corpo que será assassinado injustamente, o corpo do herói.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.
(ANDRADE, 1998, p. 135).

Na quarta estrofe, Drummond insiste na responsabilidade do leiteiro que entra nos corredores, nos becos, onde quer que tenha alguém à espera do leite – o alimento escasso, pouco disponível em nosso tempo. Aqui, o leiteiro já não é "ele", mas "nós". O poeta relaciona as ações do rapaz na primeira pessoa do plural do imperativo afirmativo: "avancemos", "peguemos", "depositemos". É uma exortação, a todo o povo, que cumpra o seu dever de cidadão, na interpretação analógica. Ou, nas palavras de Antonio Candido, a "extensão do fato" que chega a uma "espécie de discreta epopeia da vida contemporânea" (CANDIDO, 1977, p.

109).

Novamente, porém, o poeta antecipa a tragédia, dessa vez orientando que "o barulho nada resolve". Quietos, calados, ordenados e cumpridores do dever, eis como todos devemos agir. O "barulho" não é a melhor estratégia; pode atiçar a fúria dos opostos, do anti-herói, de algum dono de casa que se sinta ameaçado.

> E como a porta dos fundos
> também escondesse gente
> que aspira ao pouco de leite
> disponível em nosso tempo,
> avancemos por esse beco,
> peguemos o corredor,
> depositemos o litro…
> Sem fazer barulho, é claro,
> que barulho nada resolve
> (ANDRADE, 1998, p. 135-136).

A próxima estrofe, a quinta, volta a referir-se ao entregador de leite na terceira pessoa. Enfatiza o seu cuidado, sua sutileza nos movimentos, receoso de fazer barulho e provocar o humor dos que dormem. Salienta, porém, que os imprevistos, os infortúnios, sempre acontecem. Os incidentes fogem ao controle do leiteiro. Na frase "é certo que algum rumor / sempre se faz:", a construção "sempre se faz" remete-nos não só ao específico leiteiro protagonista do poema, mas a todos os entregadores de leite, ou a todas as pessoas que acordam cedo para servir os que dormem, representadas pelo herói entregador.

> Meu leiteiro tão sutil
> de passo maneiro e leve,
> antes desliza que marcha.
> É certo que algum rumor
> sempre se faz: passo errado,
> vaso de flor no caminho,
> cão latindo por princípio,
> ou um gato quizilento.
> E há sempre um senhor que acorda,
> resmunga e torna a dormir
> (ANDRADE, 1998, p. 136).

A sexta estrofe, longa de doze versos, apresenta o clímax da "epopeia" drummondiana. Um dos moradores, dono de uma das casas, acordou em "pânico" com o barulho, na certeza de que "(ladrões infestam o bairro)" (v. 52). Drummond demonstra, nessa estrofe, quão natural, banal e mecânico foi o gesto do homem ao pegar a arma e atirar no leiteiro. A frase "o revólver da gaveta/ **saltou** para sua mão" (vs. 54-55, grifo nosso) nos dá a imagem de uma cena apressada, impensada, impulsiva, mas também irresponsável e infeliz, pois matou o inocente. O revólver

que "saltou", foi pego às pressas, talvez no escuro, ação planejada para o momento em que o dono se julgasse em apuros.

A justificativa para o gesto insano é o mito, repetido no verso 56: "ladrão? se pega com tiro.". Os versos 57 e 58 confirmam a morte: "os tiros na madrugada / liquidaram meu leiteiro." O defunto herói ganha a intimidade e proximidade do eu-lírico que reitera o pronome possessivo "meu" antes do substantivo "leiteiro", como apareceu no prenúncio da morte, no primeiro verso da quinta estrofe. A morte heroica tem esta capacidade de legitimar um sentimento de maior proximidade aos de mesma classe, seus semelhantes, mesmo se antes do evento essa proximidade não existisse de fato. Os quatro últimos versos da estrofe comprovam a não intimidade, uma vez que a voz do narrador admite não ter conhecimento sobre a vida particular do entregador.

> Mas este acordou em pânico
> (ladrões infestam o bairro),
> não quis saber de mais nada.
> O revólver da gaveta
> saltou para sua mão.
> Ladrão? se pega com tiro.
> Os tiros na madrugada
> liquidaram meu leiteiro.
> Se era noivo, se era virgem,
> se era alegre, se era bom,
> não sei,
> é tarde para saber.
> (ANDRADE, 1998, p. 136).

Na sétima estrofe, um sexteto, o personagem assassino toma consciência de que matou um inocente e foge. A tragédia foi instalada. O eu-lírico constata que a mesma bala que mata ladrão, "gatuno", é a bala que tira a vida de um "nosso irmão". O leiteiro, agora chamado de "irmão", é acompanhado do pronome possessivo de primeira pessoa do plural: "nosso". Não mais "meu leiteiro", mas "nosso irmão". Este sujeito herói trágico, matado na lida, era representante da coletividade, irmandade injustiçada, à qual também o eu-lírico se incluía.

> Mas o homem perdeu o sono
> de todo, e foge pra rua.
> Meu Deus, matei um inocente.
> Bala que mata gatuno
> também serve pra furtar
> a vida de nosso irmão
> (ANDRADE, 1998, p. 136).

É na oitava estrofe, uma novena, que se clareia e se evidencia a complexidade da desigualdade social. No assassino impulsivo e irresponsável, policial não colocaria a mão, ele tinha "pai" – família, nome, recursos. O leiteiro, "estatelado, ao relento", não tem testemunhas

por si. Seu corpo de herói que morreu em combate apenas espera. Dois homens, duas vidas antagônicas, dois destinos opostos pela sorte genealógica de um e de outro.

> Quem quiser que chame médico,
> polícia não bota a mão
> neste filho de meu pai.
> Está salva a propriedade.
> A noite geral prossegue,
> a manhã custa a chegar,
> mas o leiteiro
> estatelado, ao relento,
> perdeu a pressa que tinha (ANDRADE, 1998, p. 136-137).

Na última estrofe, a nona, longa de onze versos, um cenário de silêncio, penumbra e sangue é o desfecho da tragédia. A morte não é diretamente mencionada, mas apenas a paisagem que resultou da violência. O vermelho do sangue e o branco do leite que escorrem pelo chão se misturam e formam uma nova cor, de-rosa, que é o tom da aurora. Nos versos do poeta Drummond, o céu imita a cor do chão: "formando um terceiro tom / a que chamamos aurora". Não há choque, barulho, confusão. As cores se procuram e se tocam "suavemente", "amorosamente". Apesar do assassinato, uma paz paira no ar, paira nos tons róseos do chão e do céu, no leiteiro solitário que descansa da pressa e que espera ser retirado do ladrilho já sereno, herói em campo de batalha. A noite prossegue, a vida prossegue, assim como prosseguem a desigualdade, a injustiça, a fome e a sede dos homens "irmãos" do leiteiro.

> Da garrafa estilhaçada,
> no ladrilho já sereno
> escorre uma coisa espessa
> que é leite, sangue… não sei.
> Por entre objetos confusos,
> mal redimidos da noite,
> duas cores se procuram,
> suavemente se tocam,
> amorosamente se enlaçam,
> formando um terceiro tom
> a que chamamos aurora
> (ANDRADE, 1998, p. 137).

No texto "O Belo Artístico e o Ideal", Hegel (1964) reflete sobre as diferenças de caráter entre o indivíduo do estado heroico e o da modernidade. Ele afirma que "não estabelece o indivíduo heroico nenhuma separação entre si e o Todo moral de que faz parte, mas antes se considera como formando uma unidade substancial com o Todo" (HEGEL, 1964, p. 67). Hegel continua a reflexão e diz que "nós, pelo contrário, separamos as nossas pessoas, nossos interesses e fins pessoais, dos fins visados pelo Todo" (HEGEL, 1964, p. 67).

O herói leiteiro não se separa do Todo, antes, é uno com o Todo, faz parte de uma coletividade, de uma esperança de melhor sorte e de uma classe que luta no serviço e no

silêncio; assume seu pertencimento no grupo – familiar ou social – e não se separa dele. Não desiste, acorda cedo, cumpre responsavelmente sua obrigação representando o coletivo, como deixa evidente o sujeito poético narrador na quarta estrofe, quando a primeira pessoa do plural assume os verbos das ações executadas: "avancemos", "peguemos", "depositemos".

Assim explica Hegel (1964) sobre a totalidade e a individualidade heroica que podemos perceber no entregador de leite suburbano e trabalhador de Drummond, solitariamente morto, "estatelado ao relento".

> [na] antiga totalidade, o indivíduo não vive isolado, é membro de uma família, de uma tribo. Por isso o caráter, os atos e a sorte da família são também o de cada um dos seus membros e em vez de denegar os atos e de se separar da sorte da família, cada membro fá-los deliberadamente seus, vive-os, é o que os seus pais foram, sofreram e realizaram. (...) **A individualidade heroica tem um caráter mais ideal porque se não limita à liberdade e à infinitude puramente formais, mas identifica-se inteiramente com todo o aspecto substancial das circunstâncias espirituais que realiza. Na idade heroica, o substancial é imediatamente individual, e o indivíduo é, assim, substancial como tal** (HEGEL, 1964, p.70, grifos nossos).

A análise mitológica, a partir de uma leitura antropológica, do poema "Morte do Leiteiro", deu-nos mais uma vez a percepção de que o poeta Drummond, comprometido social e politicamente com a realidade do seu tempo, preocupado e atento à vida humana, escreveu histórias para dar a si mesmo e aos seus leitores, entendimento e compreensão da História. Na arte, a vida humana é desenhada como sendo o que é, o que foi e o que deverá ou poderá vir a ser.

A mitologia é um dos segmentos dos quais se ocupa a antropologia porque é no mito, na fantasia ou na "mentira" da trama e nos heróis inventados, que antropólogos, filósofos, sociólogos e literatos encontram material para desvendar a "ossatura" do espírito humano. Ossatura essa que o poeta Carlos Drummond de Andrade soube com maestria dissecar, talvez pelo prazer antropológico de poetizar a humanidade do homem.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética.** 40ª. ed., Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998, p. 134-137.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Rosa do Povo. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia e Prosa**. 5ª. ed., Petrópolis: Ed. Nova Aguilar, 1983, p. 193-195.

ARISTÓTELES. **Poética**. Traduzido por Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016, p. 103-147.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 95-122.

HEGEL, F. **Estética**: o belo artístico ou o ideal. Lisboa: Guimarães Editores, 1964. p. 67-70.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 3ª. ed. Curitiba: Positivo, 2004, p. 1341.

STRAUSS, Levi. **Mito e Linguagem Social, Levi Strauss e outros**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 140.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito%3E>. Acesso em: 09 abr. 2019.